

**Dois Pra Lá, Dois Pra Cá:  
Em questões de gênero e normatividade, quantos passos avançamos nas Danças de Salão em Salvador, Bahia?**

**Two There, Two Here:  
In terms of gender and normativity, how many steps do we take in the Ballroom Dances in Salvador, Bahia?**

**Dos allí, dos aquí:  
En términos de género y normatividad, ¿cuántos pasos damos en los Bailes de Salón en Salvador, Bahía?**

RESUMO:

Este artigo tem como questão principal a relação entre aulas de Danças de Salão, machismo e heteronormatividade. Coloca em pauta as seguintes perguntas: aulas de Danças de Salão estabelecem que tipo de relação com as questões de gênero e normatividade atualmente? São espaços de manutenção ou superação do machismo e da heteronormatividade? Apresenta aspectos encontrados durante a análise de dados coletados através de questionários relacionados à pesquisa em andamento, discutindo sobre concepções pedagógicas para as Danças de Salão; machismo; estudos de gênero; interseccionalidade; sexualidade e educação.

Palavras-chave: Danças de Salão. Estudos de Gênero. Heteronormatividade. Machismo.

ABSTRACT:

The main issue of this article is the relationship between ballroom dancing classes, sexism and heteronormativity. It raises the following questions: do Ballroom classes establish what kind of discussion with gender and normativity issues today? Are they spaces for maintaining or overcoming sexism and heteronormativity? It presents aspects found during the analysis of data collected through questionnaires related to ongoing research, discussing pedagogical concepts for Ballroom Dances; sexism; gender studies; intersectionality; sexuality and education.

Keywords: Ballroom Dances. Gender Studies. Heteronormativity. Sexism.

RESUMEN:

El tema principal de este artículo es la relación entre clases de bailes de salón, machismo y heteronormatividad. Plantea las siguientes preguntas: ¿Las clases de bailes de salón establecen qué tipo de relación con los temas de género y normatividad en la actualidad? ¿Son espacios para mantener o superar el machismo y la heteronormatividad? Presenta aspectos encontrados durante el análisis de datos recolectados a través de cuestionarios relacionados con la investigación en curso,

discutiendo conceptos pedagógicos para Bailes de Salón; machismo; estudios de género; interseccionalidad; sexualidad y educación.

Palabras clave: Bailes de salón. Estudios de Género. Heteronormatividad. Machismo.

## **Introdução**

As questões que ganham força na atualidade tais como o machismo, o sexismo, o papel da mulher na sociedade, a heteronormatividade, gênero, e relações de poder perpassam as Danças de Salão, posto que nasce em uma sociedade patriarcal e machista, e os papéis produzidos por essa sociedade tem sido reafirmados dentro de suas técnicas. Ao longo do tempo, agentes atuantes nas Danças de Salão continuam a reproduzir tais papéis que determinam como *a mulher* e como *o homem* devem se portar. Diante da realidade mencionada, consideramos que um dos lugares que apresentam um grande potencial para reafirmar e reproduzir concepções machistas e heteronormativas é a sala de aula e a ação pedagógica de profissionais que ensinam.

Nesta acepção, torna-se fundamental compreender as metodologias e as ações pedagógicas que são utilizadas por profissionais para construção das aulas, e que estão presentes na maioria das escolas, espaços, academias que promovem o ensino de Danças de Salão, reconhecendo as características que são comuns e servem como mecanismo de manutenção de uma aula com aspectos tradicionais, não somente acerca da técnica, mas, no que diz respeito à propagação de pensamentos machistas e heteronormativos.

O presente trabalho aborda alguns dos principais aspectos da pesquisa desenvolvida no entre os anos de 2019 e 2020, que teve como objetivo realizar uma análise crítica acerca do atual formato das aulas de Danças de Salão e sua constituição, apontando para possíveis ações pedagógicas que fomentam e difundem as Danças de Salão a partir de bases teóricas que questionam seus atuais formatos. Para tanto, compreendemos a necessidade de identificar os aspectos presentes nas aulas de Danças de Salão que funcionam como mecanismos para manutenção do seu formato

tradicional machista e heteronormativo. Esta pesquisa é um convite para repensarmos tal formato, acessando estudos que abordam as Danças de Salão por uma perspectiva contemporânea, feminista, racializada e interseccional.

## **Metodologia**

No que tange à metodologia, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, especificamente como pesquisa-ação, que objetiva prioritariamente, de acordo com Nunes e Infante (1996, p. 100), “equacionar os problemas por meio do levantamento de soluções e propostas de ações para transformação da realidade. O resultado do trabalho é proveniente da troca de saberes entre pesquisadores e profissionais da organização”. Faz-se necessário afirmar ainda a intenção da transformação de nossa própria prática docente em dança.

Desta forma, iniciamos com um levantamento teórico que colaborou no entendimento dos conceitos utilizados.

Nos aspectos pedagógicos a partir de D'avila E Ferreira (2018), encontramos suporte para analisar as questões que envolvem o fazer pedagógico, os elementos que constituem a ação e formação do professor, colaborando para reconhecer os limites encontrados nos profissionais que estão atuando como professores de Danças de Salão.

Com Feitoza (2011); Polezi e Vasconcelos (2017); Pazetto e Samways (2018); Nunes e Froehlich (2018), pudemos dialogar diretamente com as questões que apontadas na pesquisa, pois colocam em pauta o formato tradicional no qual encontram-se as Danças de Salão, principalmente no que diz respeito aos papéis construídos de acordo com uma prerrogativa de gênero. Além de tratarem dos aspectos referentes à condução e às relações de poder imposta através dela, pontos que consideramos cruciais para um olhar crítico sobre o formato tradicional em que as Danças de Salão foram construídas e ainda se mantêm. Estes estudos acerca da condução propõem um novo olhar para este elemento tão tratado nas Danças de Salão, com destaque para a

pesquisa realizada por Feitoza (2011), um dos primeiros a abordar, em sua dissertação de mestrado, questões atreladas à condução nas Danças de Salão propondo estudos acerca do entendimento de “Cocondução”. Essas são produções teóricas fundamentais para o desenvolvimento do trabalho e seu embasamento, colaborando também para acessar profissionais que estão propondo diferentes abordagens acerca das Danças de Salão, contribuindo efetivamente para desconstrução de estereótipos construídos por uma sociedade machista e heteronormativa.

Para compreender o conceito de machismo utilizamos Drumont (1980). No que diz respeito aos estudos de gênero e sexualidade encontramos em Saffioti (2015) e Guacira Lopes Louro (1997) o processo histórico que colabora para estabelecer estas noções a partir do feminismo. As autoras fazem emergir alguns pontos que trazemos para as Danças de Salão, colaborando para o entendimento do papel da mulher neste lugar. A afirmação de Louro (1997, p.17) indicando que “a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito”, pode ser diretamente relacionada às práticas das Danças de Salão que estabelecem para as mulheres determinados papéis que reforçam essa invisibilização. Esta abordagem é indissociável do que aponta Carla Akotirene (2018), quando trata da interseccionalidade, uma categoria teórica que possibilita uma análise múltipla de sistemas de opressão, entre eles, a construção do poder estabelecido socialmente no sistema cis-hétero-patriarcado, que, em nossa compreensão, é o mesmo que serve como modelo para as determinações estabelecidas no formato tradicional das Danças de Salão.

Em seguida, foram elaborados três questionários e aplicados utilizando programa de elaboração de formulários *online* gratuito. Estes foram validados através da realização de pilotos, e cada participante obrigatoriamente recebeu um termo de consentimento livre e esclarecido para que apenas respondesse ao questionário se estivesse de acordo com o que estava descrito. Tais questionários, aplicados como método para levantamento de dados para pesquisa, foram enviados por meio de e-mail e aplicativo para mensagens gratuitos, nos períodos: Questionários 1 e 2, entre 27 de outubro de 2019 e 03 de novembro 2019; e Questionário 3, entre 28 de março de 2020 e 10 de

abril de 2020. O Questionário 1 foi enviado para 55 profissionais atuantes como professores de Danças de Salão nas cidades de Salvador e Feira de Santana, no Estado da Bahia; o Questionário 02 foi enviado para professoras, instrutoras e profissionais das Danças de Salão auto-identificadas como mulheres (cis e trans) no Questionário 01, atuantes na cidade mencionadas; e o Questionário 03 foi direcionado para estudantes, alunos, praticantes amadores, frequentadores de bailes e aulas de danças de salão, na cidade de Salvador, Bahia. Os dados foram analisados em Planilhas e Gráficos, em sistema de armazenamento em nuvem gratuito.

A aplicação do Questionário 1 teve o intuito de identificar a formação profissional, suas concepções pedagógicas, o planejamento das aulas, se as questões levantadas nesta pesquisa são abordadas durante sua prática docente, quais as nomenclaturas utilizadas, e se nas aulas existem papéis determinados para homens e para mulheres.

Na análise do Questionário 1, foi verificada que há uma diferença entre ser professor identificado como homem e ser professora identificada como mulher, percebida a partir do cotidiano profissional, e referenciada nas análises teóricas. Como afirma Zamoner, (2011 apud NUNES; FROEHLICH, p. 3) “atualmente, a dança de salão ainda é entendida como uma estrutura dual, em que o masculino é representado pelo cavalheiro que conduz; e o feminino, pela dama que responde.”, o que, conseqüentemente, provoca experiências distintas para diferentes gêneros nos ambientes de Danças de Salão, ou seja, “essa maneira de estruturação é reflexo dos papéis sociais exercidos por homens e mulheres na época do surgimento da dança de salão” (ZAMONER, 2011 apud NUNES; FROEHLICH, p. 3), e tais papéis são carregados de significados construídos a partir de concepções machistas, sexistas, heteronormativas, resultantes de uma sociedade patriarcal “que, como o próprio nome indica, é o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens” (SAFFIOTI, 2015, p. 44). Com essa indicação a partir do Questionário 1, foi aplicado um segundo questionário (Questionário 2), para compreensão das experiências vivenciadas por pessoas auto-identificadas como mulheres (cis e trans) em exercício docente em sala de aula de Danças de Salão.

Já a aplicação do Questionário 3 teve o intuito de identificar o que o público que acessa os espaços que oferecem Danças de Salão identifica em aulas ou práticas dançantes, suas concepções acerca destas danças, se as questões levantadas nesta pesquisa são abordadas durante suas aulas e sua visão sobre o assunto, quais as nomenclaturas utilizadas, e se nas aulas ou espaços que eles frequentam existem papéis determinados para homens e para mulheres. Além disso, aplicar um questionário específico para estudantes, alunes, praticantes amadores, frequentadores de bailes e aulas de danças de salão amplia nossas informações sobre os ambientes onde as Danças de Salão acontecem, nos permite acompanhar o olhar da relação profissional com estas danças e o olhar de praticantes amadores e em processos educacionais.

### **Análise de dados**

O Questionário 1 foi enviado para 55 profissionais e tivemos respostas de 28 profissionais, com idade entre 24 e 63 anos. Nos quesitos: Sexo designado no nascimento tivemos 15 (53,6%) designação no nascimento masculino e 13 (46,4%) feminino; Identidade de gênero tivemos 14 homens-cis (50%); 13 mulheres-cis (46,4%) e 1 (3,6%) não binário; Orientação sexual tivemos 25 (89,3%) participantes se declararam heterossexuais e 3 (10,7%) participantes se declararam homossexuais.

O Questionário 2, enviado para ser respondido apenas por profissionais que se identificam como mulheres. Tivemos respostas de 15 profissionais, sendo que apenas 11 foram de fato respondidos por mulheres, que se identificaram como mulheres no questionário 1, e 4 dos retornos foram dados por homens, que se identificaram como homens no questionário 1. Gostaríamos de acentuar que todas as perguntas feitas no questionário 2 foram direcionadas para as mulheres. Em relação à função exercida na sala de aula 13 (86,7%) responderam que são professoras, 2 (13,3%) responderam que são instrutoras.

O Questionário 3 foi enviado para diversos grupos e muitos participantes solicitaram o envio para outros grupos particulares de turmas específicas de Danças de Salão, o que deu um total de 250 pessoas. Tivemos resposta de 66 pessoas, com idade entre 20 e 76

anos. Nos quesitos: sexo designado no nascimento tivemos 15 (22,7%) homens e 51 (77,3%) mulheres; Identidade de gênero responderam 11 homens-cis (16,7%); 51 mulheres-cis (77,3%) e 2 (3%) não binário, 2 (3,0%) pessoas escolheram o item Outros, descrevendo nominalmente 1 “hetero sexual” e 1 “homem”; Orientação sexual apresentou 62 (93,9%) heterossexuais, 1 (1,5%) homossexuais, e 3 (4,5%) bissexual.

Podemos observar, a partir dos dados obtidos, que ainda se trata de um espaço predominantemente heterossexual, o que colabora para uma reprodução de uma dança de salão heteronormativa que, conseqüentemente, reproduz uma lógica de comportamento baseada na binaridade de gênero e na manutenção de comportamentos estabelecidos para homens e mulheres como afirma Pazetto e Samways (2018):

fica evidente a atuação da dança na conformação da ideologia heterossexual e sexista, que se sustenta na afirmação de que homens e mulheres são diferentes – e complementares – não apenas em relação a características corporais, mas em relação a características psíquicas, racionais, comportamentais, gestuais, sendo que essa suposta diferença é usada para justificar posições socioculturais atribuídas a homens e mulheres. (PAZETTO; SAMWAYS, 2018, p.169)

Percebemos, através das respostas, que o significado de identidade de gênero ainda não é entendido por muitos dos profissionais atuantes como professores de Danças de Salão, o que interfere na sua compreensão da importância de tal assunto para preparação de suas aulas, para sua atuação em sala de aula e produção de eventos. Isso fica nítido quando 21 dos 28 participantes respondem que as questões de gênero não interferem no seu planejamento.

Aqui, é fundamental compreender que, apesar de “cada feminista enfatiza[r] determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de consenso: o gênero é a construção social do masculino e do feminino” (SAFFIOTI, 2015, p, 45) portanto, é necessário o entendimento de que gênero é algo construído socialmente, e, desta forma, passível de mudanças. Perceber essa categoria como algo que pode ter seu significado modificado é algo indispensável para tratar de papéis pré-determinados nas Danças de Salão, e discutir as implicações do que representa a continuidade do uso de nomenclaturas como Damas e Cavalheiros.

Apesar de participantes se identificarem como profissionais atuantes no ensino de Danças de Salão, a maioria não buscou formação especializada na área. Desta forma, é restrito o número de profissionais com licenciatura em Dança ministrando aulas de Danças de Salão (do total de respondentes, quatro pessoas declararam formação em Dança no ensino superior), mesmo que 100% dos participantes estejam atuando em sala de aula. Alguns profissionais não compreendem como relacionar bases teóricas na preparação de suas aulas, e alguns nem sabem o que vem a ser bases teóricas. Nesse aspecto, como afirmam D'Ávila e Madeira (2018. p. 21) “muitos professores ensinam sem o devido conhecimento dos saberes que sustentam sua própria prática – saberes pedagógico-didáticos.”, o que pode colaborar para uma abordagem tecnicista de reprodução de práticas, sem criticidade.

Mesmo 89,3% do total de participantes declarando que se preocupam com discursos machistas em suas aulas, são muitos os relatos que ressaltam o papel de condutores para homens e o papel de conduzidas para mulheres. Além disso, no que diz respeito à determinação de funções em sala de aula por gênero, 64% declaram que não há, o que diverge das respostas para questões abertas que indicam diferenciações marcadas por designações sociais normativas de gêneros (homem/mulher-cis).

Ao enviar os questionários, foi explicado que o Questionário 2 deveria ser respondido apenas por pessoas que se identificaram no Questionário 1 como mulheres, no entanto quatro homens o responderam deliberadamente, mesmo com todas as perguntas direcionadas explicitamente para estas mulheres. Isso é um dado que reflete uma situação que vai além do explicitado nas respostas diretamente indicadas no questionário, e acontece com frequência em aulas, eventos, cursos, onde sempre o homem toma a iniciativa de responder às questões colocadas por alunes e praticantes, reafirmando o papel secundário da professora mulher em ação, o que demonstra o quanto estamos impregnados do discurso-prática do patriarcado, este “sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres” (AKOTIRENE, 2019, p.118).

Como já informado, 11 mulheres responderam ao Questionário 2 e, tivemos o mesmo número de pessoas relatando que trabalham em parceria com homens. A maioria (54%) considera importante a participação de outro indivíduo na aula, vale salientar que as mesmas não consideram necessário que sua parceria seja feita com um homem.

Tratando de ações machistas em sala de aula, a maioria relatou que nunca vivenciou nenhum preconceito por ser mulher ao ministrar aulas de Danças de Salão, ou seja, parceiros e pessoas com quem realizou aulas não apresentam atitudes machistas e heteronormativas (86%), o que diverge das respostas para questões abertas que indicam silenciamentos, descrédito, desconfiança sobre a capacidade, papéis determinados por concepções patriarcais.

Quando se trata da ação da mulher como professora em sala de aula e quem direciona tais ações, considero que a porcentagem apresentada ainda é pequena em relação ao total, pois 53,3% dividem a atuação em sala, sendo que 13,3% indicaram seus parceiros como protagonistas. No entanto, pelas experiências que constantemente atravessam o cotidiano profissional das Danças de Salão, é possível perceber que a maioria dos protagonistas em salas de aulas ainda são os homens-cis.

Ao abordarmos aspectos sobre o protagonismo no planejamento de ensino em aulas realizadas em parceria, analisando as respostas verificamos que muitas participantes não entendem o que é o planejamento de aula, além de nos depararmos com respostas dadas pelos homens no Questionário 1 tais como: “Total por conta da experiência. Porém sempre aberto a sugestão da parceira ou da equipe” e “Sou o mentor da criação”, frases carregadas de poder sobre a ação, o que demonstra o quão machistas são as relações estabelecidas entre algumas parcerias, compreendendo que o “machismo é definido como um sistema de *representações simbólicas*, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher” (DRUMONT, 1980, p. 1).

Referente ao Questionário 3, as respostas que obtivemos demonstra o quanto as aulas de Danças de Salão ainda são espaços frequentados prioritariamente por mulheres,

pois, das 66 respostas, 51 se declararam do sexo feminino (77,3%), e todas declaradas como mulheres-cis. No total das respostas podemos identificar um público que ainda é majoritariamente heterossexual, sendo 93,9% das participantes, o que colabora para a afirmação de um espaço heteronormativo. Como um espaço de práticas pautadas em concepções tradicionais, “a heteronormatividade na dança de salão funciona como engrenagem de um mecanismo social que regula corpos e possibilidades de estar no mundo.” (SILVEIRA, 2018, p. 6), determinando funções e comportamentos preestabelecidas para homens e mulheres.

Podemos destacar as aulas em grupo (84,8%) e os bailes (60,6%) como espaços utilizados pela maior parte das pessoas como acesso às Danças de Salão, o que afirma a importância da ação docente. De acordo com estes participantes, as duplas de profissionais atuando em salas de aula, em sua maioria, ainda são compostas por um professor e uma professora (54,5%), a figura do professor homem é apontada por (31,8%) das pessoas como a pessoa que ministra as aulas, o que indica que apesar de serem espaços frequentados por um número maior de mulheres, ainda são espaços que apresentam homens no domínio das atividades. No entanto, mesmo quando existe uma professora e um professor em sala de aula “o papel dama na dança está diretamente conectado com uma conduta moral vinculada a uma norma heterosocial, onde a centralidade e o pensar concentram-se na figura masculina.” (SILVEIRA, 2018, p. 8), portanto, se reproduz um entendimento que “tudo que não se enquadre nesse gênero é visto como algo dissidente e inferiorizado.” (SILVEIRA, 2018, p. 8), assim, as professoras, em muitas situações, são vistas como assistentes e em alguns casos seus nomes não são sequer mencionados.

A maioria das pessoas participantes declaram que o gênero de quem ministra a aula não interfere na atuação profissional, e 74,2% declararam que as questões de gênero são abordadas em salas de aula, no entanto, ao relatar como isso acontece durante as aulas as respostas dadas nas questões abertas discursivas estão diretamente atreladas à questão do respeito e cuidado com o outro, o que não necessariamente tem relação com as questões de gênero, o que as respostas demonstram é uma inexistência do entendimento do que seria uma real abordagem sobre estas questões em sala de aula.

Das pessoas participantes, 63,6% afirmaram preocupação com colocações machistas e sexualizadas nas aulas. Porém, continuamos a reproduzir uma dança onde “um dos poucos espaços onde a dama tem a possibilidade de demonstrar sua criatividade e autonomia é através dos movimentos chamados de enfeites” (SILVEIRA, 2018, p. 12), considerando ainda a existência de uma condição para tal “criatividade e autonomia” serem utilizadas durante a dança, pois tais “gestos só podem acontecer se ela estiver atenta para não atrapalhar o movimento do cavalheiro que está por vir”(SILVEIRA, 2018, p. 12).

A nomenclatura condutoras/condutores e conduzidas/conduzidos está mais frequente nas aulas, porém é perceptível no cotidiano profissional que essa realidade é resultado da compreensão do uso destas palavras como criação de um modismo a-crítico sem que estes profissionais de fato busquem engajamento nas ações políticas que trazem, na mudança de nomenclaturas, atitudes que colaboram para a superação do machismo e da heteronormatividade. Podemos perceber, nas respostas abertas dos questionários aplicados, uma normatização de determinadas condutas referendadas por afirmações como “O homem no papel de condutor e mulher de conduzida” (resposta dada por um profissional), já que estamos falando de um espaço prioritariamente heteronormativo, influenciado pela visão patriarcal de sociedade, conseqüentemente machista. Quando profissionais mudam as nomenclaturas utilizadas em sala, sem nenhuma relação com mudanças de concepções e atitudes, utilizando indicações como “Os Condutores” e “As Conduzidas”, mantém a generificação dos papéis, ou seja, homens continuam a conduzir e mulheres a ser conduzidas, ressaltando que “o termo conduzir nas danças de salão tem sido entendido como uma ação na qual um corpo tem o domínio sobre outro no acontecimento da dança” (FEITOZA, 2011, p, 9), o que reafirma o poder de decisão e de controle da Dança exclusivamente aos homens, pensando a condução por uma visão tradicionalista.

Apesar da maioria (62%) responder que não existem funções predeterminadas em sala de aula para homens e mulheres, a maioria (69%) também declara ter presenciado atitudes machistas nos espaços de Danças de Salão, e alguns relatam que existe um

olhar preconceituoso para pessoas do mesmo gênero dançando juntas. As colocações feitas durante a pesquisa em afirmações como “Mulher movimentos de braços e dançar com salto” (resposta de um professor homem-cis) e “Dentro da dança de salão temos papéis definidos[...] Acredito que deve-se respeitar o papel de cavalheiro como o condutor[...] É preciso entender que são papéis dentro da dança[...]” (resposta de uma aluna mulher-cis), confirmam a manutenção de comportamentos e atitudes, nos espaços de dança, que ainda seguem padrões tradicionais e estão mergulhados em valores carregados de machismo, sexismo, heteronormativismo, atrelando funções corporais a papéis construídos socialmente. Aulas e ações pedagógicas continuam a reproduzir padrões sociais acerca do que é ser homem e o que é ser mulher, como indicam Nunes e Froehlich (2018, p. 95) “historicamente, nas Danças de Salão, o cavalheiro sempre conduziu sua dama, restando a ela um papel passivo de segui-lo em sua movimentação, deslocamento e musicalidade”.

### **Considerações finais**

Os espaços de danças de salão, apesar de continuarem como locais de manutenção de discursos e atitudes machistas e heteronormativas, têm sofrido a ação das mudanças nas perspectivas de afirmação de gênero e feminismo, já havendo sinais de alterações para proposições de discussão destas perspectivas por profissionais e praticantes, pois isso se apresenta hoje como uma urgência social.

Assim, podemos considerar que, no momento atual, ainda não avançamos passos significativos no cotidiano da prática profissional das Danças de Salão. Apesar do crescente número de pesquisas acadêmicas que questionam as relações estabelecidas nos espaços de Danças de Salão, profissionais que estão a frente de aulas, eventos e atividades oferecidas ao grande público dessas danças, em sua maioria, não dedicam atenção a questões críticas relacionadas à sociedade, sendo a sua atuação determinante para reprodução do *status quo*.

É possível compreender ainda, a partir da análise destes questionários, ser necessário tratar de tais questões a partir de uma ótica interseccional, categoria teórica que

possibilita uma análise múltipla de sistemas de opressão, dentre eles, a construção do poder estabelecido socialmente no sistema cis-hétero-patriarcal, o mesmo que serve como modelo para as determinações estabelecidas no formato tradicional das Danças de Salão.

## Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Rio de Janeiro: Letramento, 2018.

D'AVILA, Cristina & FERREIRA, Lucia. **Ateliê Didático**: Uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários. Salvador: EDUFBA, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29316>>. Acesso em 10 out. 2020.

DRUMONT, Mary Pimentel. **Elementos para uma análise do machismo**. São Paulo: Perspectivas, 1980.

FEITOZA, Jonas Karlos de Souza. **Danças de Salão**: os corpos iguais em seus propósitos e diferentes em suas experiências. 2011. Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 85p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8141>>. Acesso em: 10 out. 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

NUNES, Bruno & FROELICH, Marcia. Um novo olhar sobre a condução na dança de salão: questões de gênero e relações de poder. **Revista educação, artes e inclusão**, v.14, n.2, p. 91-116, abr.-jun, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/10172>>. Acesso em: 10 out. 2020.

NUNES, Joaquim Moreira; INFANTE, Maria. Pesquisa-ação: uma metodologia de consultoria. **SciELO Books**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/dydn3/10>>. Acesso em: 10 out. 2020.

PAZETTO, Debora & SAMWAYS, Samuel. Para além de damas e cavalheiros: uma abordagem Queer das normas de gênero na dança de salão. **Revista educação, artes e inclusão**, v.14, n.3, p. 157-179, jul.-set, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/11736>>. Acesso em 10 out. 2020.

POLEZI, Carolina & VASCONCELOS, Paola. Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada. **Artículo Presencia. Miradas desde y hacia la Educación**, Uruguay - Montevideo, n.2, 2017. Disponível em: <<https://www.stellamaris.edu.uy/revistapresencia/2017/12/06/contracondutas-no-ensino-e-pratica-da-danca-de-salao-a-danca-de-salao-queer-e-a-conducao-compartilhada/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência**. Expressão Popular, 2015.

SILVEIRA, Paola de Vasconcelos. Pela urgência do fim da boa dama - os papéis de gênero na dança de salão. **Anais ABRACE**. v. 19, n. 1, p. 2018. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3999/4099>>. Acesso em 10 out. 2020.